

UMA PROPOSTA DE AULA COM O GÊNERO DISCURSIVO NOTÍCIA NUMA PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

*Eduardo Joao da Silva, Juciano dos Santos
Soares da Silva, Emmanuella Farias de Almeida Barros,
Geam Karlo-Gomes, Isaac Itamar de Melo Costa¹*

1 Eduardo João da Silva, Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - Rede Nacional (UPE - Campus Garanhuns). Professor efetivo da rede estadual de Pernambuco e da rede municipal de São Benedito do Sul - PE. E-mail: eduardo10joao@outlook.com; Juciano Santos Soares da Silva, Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - Rede Nacional (UPE - Campus Garanhuns). Professor efetivo da rede estadual de Pernambuco e da rede municipal de Caruaru. E-mail: jucianosoes@gmail.com; Emmanuella Farias de Almeida Barros, UPE. Professora Adjunta na Universidade de Pernambuco (UPE) Campus Petrolina. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (PPGE/UFPE) com período de Doutorado Sanduíche em Lyon (França) na Université Lumière Lyon 2. Professora Permanente do PROFLETRAS Campus Garanhuns. E-mail: emmanuella.barros@upe.br; Geam Karlo-Gomes, UPE. Professor do Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - Rede Nacional (UPE - Campus Garanhuns). Líder do ITESI/ CNPq - Grupo de Pesquisa Itinerários Interdisciplinares em Estudos Sobre o Imaginário, Linguagens e Culturas. Coordenador do Lali & TIC - Laboratório de Linguagens Tecnologias, Imaginário e Imaginação Criativa (UPE). E-mail: geam.k@upe.br; Isaac Itamar de Melo Costa, UPE. Professor do Programa de Mestrado em Letras da Universidade de Pernambuco (PROFLETRAS - UPE). Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É membro do Grupo de Pesquisa Oficinas de Análise do Discurso: conceitos em movimento e um dos coordenadores do Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise de Discurso Pecheutiana (GepAD/UPE). E-mail: isaac.itamar@upe.br.

RESUMO: Este artigo tem como foco analisar o processo de didatização do gênero discursivo notícia numa perspectiva dialógica de linguagem. Procuramos discutir como seria uma proposta de aula envolvendo o gênero discursivo notícia numa perspectiva dialógica de linguagem no ensino fundamental (anos finais). Para discorrer acerca do nosso problema no presente estudo, amparamo-nos em um quadro teórico que abrange pressupostos da Teoria Dialógica da Linguagem (Bakhtin, 1992, 2011), numa interface com a vertente didática do Interacionismo Sociodiscursivo (Schneuwly; Dolz, 1999, 2004). O gênero notícia se revela como uma oportunidade para promover o diálogo entre os estudantes, permitindo que eles compreendam não apenas a estrutura e os elementos desse gênero, mas também sua função social e comunicativa. A sala de aula se torna um espaço propício para a reflexão sobre a construção discursiva das notícias, bem como para o desenvolvimento das habilidades de leitura crítica e produção textual. Como resultado dessa análise criteriosa da proposta pedagógica no âmbito educacional, sabemos que poderá desencadear resultados significativos e ficará uma reflexão positiva que provavelmente possibilitará em uma melhor qualidade do ensino.

Palavras-chave: Gênero discursivo. Notícia. Didatização. Proposta.

Introdução

Nas últimas décadas, é notável que o ensino de língua portuguesa vem passando por mudanças significativas, sobretudo no tocante ao trabalho didático com os gêneros discursivos nas salas de aula e ao tratamento dado a eles pelos livros didáticos. Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular, BNCC (Brasil, 2018), para o componente curricular Língua Portuguesa, considera o texto como o centro das práticas de linguagem, além de assumir uma perspectiva enunciativo-discursiva na abordagem. No contexto do ensino-aprendizagem, o conhecimento e o domínio dos diferentes tipos de gêneros discursivos, por parte do estudante, não apenas o preparam para eventuais práticas de linguagem, mas, também, ampliam sua compreensão da realidade.

Há de se considerar que, desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN de Língua Portuguesa (Brasil, 1999 até a implantação da BNCC, é notável o aumento de propostas

curriculares e de materiais didáticos que propõe a articulação do trabalho pedagógico com as práticas de linguagem com base nos gêneros discursivos. Na esfera escolar, a implementação do ensino de língua portuguesa por meio de gêneros discursivos, a partir da publicação desses documentos, provocou e tem provocado algumas dúvidas sobre o modo de pensá-lo e o modo de fazê-lo; e, dentre tantas, propusemo-nos a analisar e responder apenas a uma: como trabalhar com os gêneros discursivos notícia dentro da sala de aula, abordando questões da linguística e não apenas da perspectiva gramatical? Lembremos que devemos trabalhar esse gênero além da perspectiva gramatical tradicional, acentuando, questões linguísticas. Soma-se a esses questionamentos o fato de que são diversas as teorias de gêneros na atualidade, as quais não são excludentes, mas complementares, tendo em vista que as fronteiras conceituais acerca dos gêneros se expandem, interfaces teóricas se estabelecem e diálogos epistemológicos se concretizam.

Ao tomar os gêneros como objeto de ensino, torna-se imprescindível uma descrição *a priori* de tais objetos, bem como um trabalho de transformação dos conhecimentos teóricos que lhe são subjacentes em instrumentos didáticos cujo foco seja o aprendizado. Instaura-se, assim, desafio: a conjugação dos conhecimentos teóricos acerca dos gêneros discursivos com propostas didático-metodológicas para o ensino desse objeto. Procuramos discutir como seria uma proposta de aula envolvendo o gênero discursivo notícia numa perspectiva dialógica de linguagem no ensino fundamental (anos finais). Assim, motivados por tal questão, este trabalho tem como objetivo geral descrever o processo de proposta do gênero discursivo notícia numa perspectiva dialógica de linguagem.

Para formular o nosso problema no presente estudo, lançamos mão de um quadro teórico que abrange pressupostos teóricos da Teoria Dialógica da Linguagem (Bakhtin, 1992, 2011), numa interface com a vertente didática do Interacionismo Socio-discursivo (Schneuwly; Dolz, 1999, 2004).

Metodologicamente, em razão das pretensões de nosso interesse de estudo, empregaremos predominantemente a abordagem de natureza qualitativa. No que se refere à caracterização do nosso estudo, podemos classificá-lo como de natureza bibliográfica. Através dessa modalidade, tivemos a oportunidade de ler o material teórico-metodológico que fornecesse fundamentação teórica ao nosso trabalho, além de permitir a identificação do estágio atual do conhecimento referente à conceituação de gêneros discursivos e sua respectiva proposta.

Concepções de linguagem e perspectivas de ensino de língua portuguesa

As teorias linguísticas oferecem, cada uma em sua própria época, possibilidades de reflexão acerca do fenômeno linguístico investigado. São definidoras da natureza epistemológica que norteará determinado estudo da linguagem. A linguagem, como todo fenômeno social, evolui e passa a ser concebida de formas distintas, de acordo com as lentes de um determinado paradigma teórico. Conseqüentemente, as diferentes concepções de língua e linguagem sustentaram e sustentam as diversas perspectivas do ensino de língua portuguesa ao longo do tempo. Consoante Inge-dore Koch (2010, p. 7-8, grifos do autor), basicamente, podemos destacar três concepções de linguagem, as quais acabam embasando o fazer pedagógico:

A linguagem humana tem sido concebida, no curso da História, de maneiras bastante diversas, que podem ser sintetizadas em três principais: a. como **representação** (“espelho”) **do mundo e do pensamento**; b. como **instrumento** (“ferramenta”) **de comunicação**; c. como **forma** (“lugar”) **de ação ou interação**. A mais antiga dessas concepções é, sem dúvida, a primeira, embora continue tendo seus defensores na atualidade. Segundo ela, o homem representa para si o mundo através da linguagem e, assim sendo, a função

da língua é representar (= refletir) seu pensamento e seu conhecimento de mundo. A segunda concepção considera a língua como código através do qual um emissor comunica a um receptor determinadas mensagens. A principal função da linguagem é, neste caso, a transmissão de informações. A terceira concepção, finalmente, é aquela que encara a linguagem como *atividade*, como *forma de ação*, ação inter-individual finalisticamente orientada; como *lugar de interação* que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes.

Ampliando a informação de Koch, podemos entender que a primeira concepção de linguagem como representação do pensamento, perdurou até o início do século XX, quando Saussure funda uma nova visão epistêmica de língua. Para essa concepção, a linguagem funciona como veículo do pensamento, ou seja, uma ação monológica isolada. Assim, o falante que se comunica sem fazer uso da norma padrão estaria transgredindo as regras da língua, pois estas devem ser seguidas para atender à organização lógica do pensamento. A língua é, portanto, caracterizada como um sistema de caráter abstrato, homogêneo, estável e imutável. Assim sendo, para essa concepção de língua, o estudante, a fim de se tornar um bom usuário e dominá-la, deveria (re)conhecer as regras de funcionamento da norma-padrão. Esse reconhecimento se dava centrado no ensino da gramática.

Na segunda concepção, a língua é compreendida como instrumento de comunicação. Para esse modelo teórico, a língua é entendida como um código, o qual é utilizado para transmitir uma mensagem do emissor ao receptor, isolada de sua utilização social. Caberia à escola, no ensino de língua portuguesa, possibilitar o desenvolvimento das habilidades de expressão e compreensão das mensagens.

Por fim, a última concepção, a língua como forma de ação e interação, postula que a língua é heterogênea, dinâmica e capaz de se realizar dentro do fenômeno social da interação verbal. A língua é vista como um lugar de interação humana, situada num contexto sócio-histórico e ideológico em que homem e linguagem são inseparáveis; assume-se, portanto, uma visão dialógica da linguagem preconizada por Bakhtin e seu Círculo. Essa concepção de linguagem torna-se imprescindível quando desejamos investigar a língua como uma prática social dialógica e indissociável dos sujeitos discursivos sócio-histórico-ideológicos que ela se instaura, imersos em uma dada realidade. O sujeito que utiliza a língua não é um ser passivo, mas alguém que interfere na constituição do ato comunicativo.

Depreendemos, com base nessa perspectiva dialógica de linguagem, que nossos discursos resultam de condições sociais e históricas. Isso porque “o signo para Bakhtin não é linguístico, mas ideológico, ou seja, é carregado de sentidos que dizem respeito a uma posição social, histórica e cultural” (Silva, 2013, p. 51). Nesta última concepção, as regras gramaticais deixam de ser o foco do ensino, e abre-se espaço para o trabalho com oralidade, escrita e leitura uma perspectiva dialógica, ou seja, sociodiscursiva.

Diante disso, é importante o professor re(conhecer) as diferentes concepções de linguagem para ensinar a língua portuguesa. É imprescindível ao professor situar a concepção de linguagem para a sua prática pedagógica. Como explicita Antunes (2003, p. 39):

Toda atividade pedagógica de ensino do português tem subjacente, de forma explícita ou apenas intuitiva, *uma determinada concepção de língua*. Nada do que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos linguísticos são percebidos e tudo, conseqüentemente, se decide. Desde a definição dos objetivos, passando pela seleção dos objetos de estudo, até a escolha dos procedimentos mais corriqueiros e específicos, em tudo está presente

uma determinada concepção de língua, de suas funções, de seus processos de aquisição, de uso e de aprendizagem.

Do exposto pela autora, temos a compreensão de que todo fazer pedagógico, ainda que de forma imperceptível para o professor, fundamenta-se numa concepção teórica. Embora interessante mesmo seria que os professores tomassem consciência do que ensinar, como ensinar e para que ensinar. No tocante ao ensino de língua portuguesa, houve, nos últimos anos, revisões teórico-metodológicas que se iniciaram, em 1998, com a publicação dos PCNs. Duas décadas depois, foi oficializada a BNCC que assume uma perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem. Tal documento de caráter normativo:

(...) assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma sempre a relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (Brasil, 2018, p. 65).

No âmbito escolar, as sucessivas transformações pelas quais passou o ensino de língua materna no Brasil, desde a implantação da disciplina Língua Portuguesa no século XIX até o final do século XX, quando ocorreu a implantação dos PCNs, e, mais recentemente, com a oficialização da BNCC, em 2018, revelam uma mudança significativa no processo de ensino-aprendizagem da língua materna.

É nesse cenário, portanto, que, na década de 90 do século XX, surge a noção de ferramenta de ensino-aprendizagem de língua materna nos PCN, ou seja, o gênero como uma mudança paradigmática positiva na orientação curricular. Isto porque não se pode produzir e nem interpretar um texto considerando apenas as suas entidades linguísticas, mas também o contexto situacional em que se ancoram, além das operações discursivas de produção

de sentidos. Isso implica em reconhecer que a produção de linguagem de um sujeito é uma ação resultante de um conjunto de decisões, entre as quais está a escolha de determinado gênero para a tessitura do texto que deve atender a uma determinada situação comunicativa.

As abordagens teóricas sobre gênero e o caráter dialógico da língua

Existem várias abordagens teóricas que se interessam pela questão dos gêneros, cada qual com sua legitimidade, o que enriquece o entendimento desse objeto, já que, devido à sua complexidade, uma única teoria não conseguiria compreender o fenômeno.

A fim de reunir e analisar arcaçouços teóricos de várias origens e épocas que resultam em um painel rico e pluralista sobre o conceito de gênero, Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005), ao organizarem a obra intitulada *Gêneros: teorias, métodos, debates*, agrupam as diversas noções de gênero em três abordagens, conforme demonstramos no quadro 1 a seguir.

Quadro 1. Abordagens teóricas dos gêneros

ABORDAGENS	TEÓRICOS	CARACTERÍSTICA GERAL
Sociossemióticas	Hasan, Martin, Fowler, Kress, Fairclough	Abordagens herdeiras, em maior ou em menor grau, da proposta sistêmico-funcional de Halliday, que evidencia a correlação entre texto e contexto, o entrelaçamento entre linguagem e vivência humana.

ABORDAGENS	TEÓRICOS	CARACTERÍSTICA GERAL
Sociorretóricas	Swales, Miller, Bazerman	Essas abordagens nasceram atreladas à tradição dos estudos da retórica e priorizam as noções de propósito e contexto. Os gêneros são vistos como situações retóricas do convívio social direcionada a um propósito.
Sociodiscursivas	Bakhtin, Adam, Bronckart, Maingueneau	Essas abordagens estão centradas em teóricos que têm suas reflexões enviesadas pela teoria do texto, análise do discurso e teorias enunciativas.

Fonte: Adaptado de Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005, p. 9)

Todavia, os autores organizadores da aludida obra ressaltam que as teorias dos gêneros não podem ser facilmente classificadas em taxionomias fechadas, mas são abertas e sujeitas à discussão, pois essas três abordagens gerais propostas na verdade, consistem termos que ‘são meramente didáticos’ não tendo caráter ontológico e não devendo ser encarados como base de revisões da literatura sobre o tema” (Meurer; Bonini; Motta-Roth, 2005, p. 9). Isso se explica porque a noção de gênero é muito próxima em qualquer uma dessas abordagens, tendo em vista que os cruzamentos teóricos são inevitáveis, pois todas essas abordagens compreendem a noção de gênero como ação social. Devemos considerar ainda que não existe um termo consensual alusivo à categoria gênero. De acordo com a base teórica adotada, a terminologia empregada pelos teóricos oscila entre “gênero textual” ou “gênero do discurso”.

Ressaltamos que alguns estudiosos defendem que o uso das expressões “gênero discursivo” ou “gênero textual” não pode ser tomados indiscriminadamente, como sinônimos ma da outra, visto que isso pode provocar distorções teóricas e um direcionamento equivocado para o ensino dos gêneros. A esse respeito,

Rojo (2005) aponta que essas expressões constituem duas vertentes para o estudo dos gêneros, uma vez que ambas possuem vias metodológicas distintas, sendo a primeira, “gênero discursivo”, mais centrada na descrição das situações de enunciação em seus aspectos sócio-históricos enquanto que a segunda, “gênero textual”, enfoca a descrição da composição e da materialidade linguística dos textos no gênero. Assim, em consonância também com Rojo (2005), elegemos, no nosso estudo, como relevante a primeira vertente, por acreditarmos que, no ensino da linguagem, sobretudo dos gêneros, a análise deve partir dos aspectos sócio-histórico.

É importante esclarecer que não se deve confundir gênero com tipo textual. Marcuschi (2008), ao tratar da distinção entre gêneros e tipos textuais, reiterando Bakhtin, reafirma a impossibilidade de se comunicar verbalmente a não ser via gênero e via texto.

Como pertencentes às variadas esferas comunicativas que regem a atividade humana, os gêneros discursivos apresentam, como vemos, uma grande diversidade, constituindo listagens abertas. Qualquer interação entre interlocutores organiza-se, inevitavelmente, por meio de algum gênero. Podemos afirmar que o gênero só existe relacionado à sociedade que o utiliza.

Somos levados a compreender que os gêneros discursivos são famílias de textos, reconhecidas por seus formatos, pois apresentam um conjunto de características relativamente estáveis. De acordo com Bakhtin (1992), os gêneros nascem com base em certas necessidades de interlocução (geradas nas diferentes práticas sociais), as quais acabam por determinar os três elementos que os constituem: *a construção composicional, o estilo e o conteúdo temático*.

O conteúdo temático (ideologicamente afetado) pode ser compreendido como o assunto de que o enunciado vai tratar, dizível a partir dos gêneros. A construção composicional se refere aos elementos das estruturas textuais, discursivas e semióticas que compõem um texto pertencente a um gênero. Por último, o

estilo remete a questões individuais e genéricas de seleção: vocabulário, estruturas frasais, preferências gramaticais etc. Ressalte-se que esses três elementos estão indissoluvelmente ligados ao todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação que organiza as esferas da atividade humana. Portanto, ainda que possamos perceber esses elementos individualmente, eles não funcionam de forma autônoma, um está intrinsecamente ligado ao outro.

Quando falamos ou escrevemos, nos dirigimos ao outro, ainda que não saibamos quem esse outro é, sendo assim, a interação entre interlocutores (reais ou presumidos) é condição *sine qua non* para a realização do enunciado concreto, o que confere à língua um caráter dialógico. Nosso discurso sempre se remete a um *outro* e, ao mesmo tempo, sempre retomamos o que outros já disseram, pois o enunciado estará, de algum modo, vinculado àqueles que o precederam ou ainda aos que o sucederão, tendo em vista que nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia [da comunicação discursiva]" (Bakhtin, 2011, p. 371). Apesar de trazermos em nosso discurso as vozes dos outros, sempre as articulamos de forma única. Portanto, dialogismo pode ser tomado como o princípio constitutivo e organizador da linguagem. Com base na abordagem dialógica da linguagem, consideramos que, em uma interação entre sujeitos, não há diálogo sem possibilidade de resposta, pois parte-se da premissa de que todo discurso, evidenciado seu caráter dialógico, é entrecruzado por vozes sociais.

Com base em sua singularidade, cada enunciado contribui não só para a existência, como também para a continuidade/renovação dos gêneros discursivos. Segundo Bakhtin (2011, p. 262), "a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana". "Os gêneros do discurso, ensaio que compõe a obra *Estética da criação verbal*, é certamente o texto no qual Bakhtin aprofunda a conceituação de gênero, apesar de que a presença

de uma noção mais ampla de gêneros possa ser encontrada em muitos dos trabalhos de Bakhtin e do Círculo².

Visto que o gênero é algo social, cultural, dinâmico e flexível, portanto, relativamente estável, não pode ser tomado como uma forma, ou seja, o que constitui um gênero é a sua ligação com uma situação social de interação, e não propriedades formais. Sendo assim, tomar os gêneros como objeto de ensino-aprendizagem implica considerar o contexto em que foram produzidos e circulam socialmente.

Como tem sido a abordagem brasileira para o ensino dos gêneros discursivos

No Brasil, o estudo dos gêneros discursivos, um campo de estudos que é, por natureza, multidisciplinar, tem assumido lugar de destaque no cenário internacional pela proeza do trabalho de síntese das diferentes tradições de gêneros articulada com as tradições de gênero francesa e suíça, o que resulta num estudo fundamentalmente com características próprias. A esse respeito, assim se pronunciam Bawarshi e Reiff (2013, p. 99):

A pesquisa de gêneros no Brasil tem sido especialmente instrutiva pela maneira como faz uma síntese das tradições linguística, retórica e social/sociológica [...], ao mesmo tempo em que também lança mão das tradições de gêneros francesa e suíça. Ao fazer isso, os estudos brasileiros de gêneros oferecem um modo de ver essas tradições como mutuamente compatíveis e

2 A dimensão conceitual dos gêneros discursivos é recorrente nas obras de Bakhtin e do seu Círculo. Conforme aponta Sobral, (2009, p. 173), “o conceito de gênero aparece também em *Marxismo e filosofia da linguagem*, em *O método formal nos estudos literários*, em *Problemas da poética de Dostoiévski*, em ensaios de *Questões de literatura e de estética*, caso de ‘O discurso no romance’, ‘O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária’, em ‘O autor e o herói’ [...], bem como no estudo sobre Rabelais, em que aparece um longo histórico do gênero, em *Para um filosofia do ato* e em ‘Arte e responsabilidade’ (em que o conceito de gênero está, por assim dizer, ‘interiormente presente.’”

capazes de proporcionar ferramentas analíticas e teóricas pelas quais se possa compreender o funcionamento linguístico, retórico e sociológico dos gêneros.

Essa síntese brasileira, de que tratam os aludidos autores, gera um impacto no ensino e nas políticas públicas de educação linguística, com base nos referenciais curriculares, sobretudo os PCN, à época, e, atualmente, a BNCC, que legitimam um ensino de língua materna mediado pelos gêneros discursivos.

Diversas teorias consideram o gênero discursivo como uma ferramenta para a interação social por meio da linguagem, uma vez que os sujeitos necessitam se apropriar dele para o seu agir. Nesse sentido, essa vertente didática assume que o gênero discursivo é, também, o principal instrumento para o ensino das línguas. Dessa forma, os trabalhos dos pesquisadores dessa vertente são direcionados à investigação dos processos envolvidos na transposição didática dos mais diversos gêneros textuais. Para Schneuwly e Dolz (2004, p. 93):

Os gêneros constituem um ponto de comparação que situa as práticas. Eles abrem uma porta de entrada, para estas últimas, que evita que delas se tenha uma imagem fragmentária no momento de sua apropriação. [...] podem ser considerados, segundo Bakhtin, como instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação. Trata-se de formas relativamente estáveis tomadas pelos enunciados em situações habituais, entidades culturais intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas de linguagem.

Os gêneros são formas de dizer que não precisam ser inventadas a cada vez que nos comunicamos: estão a nossa disposição, circulam nas diferentes esferas da atividade humana. Saber selecionar o gênero para organizar um discurso implica conhecer as suas características para avaliar a sua adequação aos objetivos pretendidos, ao interlocutor, ao suporte e à esfera de circulação. O termo *esfera de circulação* designa um campo da atividade

humana que propicia o surgimento de discursos bastante específicos: esfera cotidiana, literária, de negócios, científica, escolar, jornalística, religiosa, jurídica. As esferas de circulação não correspondem a um gênero determinado, mas dão origem a um conjunto deles. Por exemplo: a esfera escolar dá origem aos gêneros boletim, registro de aula, histórico escolar, entre outros; a esfera jurídica à procuração, à sentença judicial, assim por diante. Verificamos que alguns autores referem-se ao conceito de esfera de circulação pelo termo *domínio discursivo*.

Existe uma multiplicidade de critérios que podem ser utilizados para agrupar os gêneros: de acordo com a função, com a esfera de circulação ou com a de tipologia textual, por exemplo. Os PCNs agrupavam os gêneros de acordo com a esfera de circulação: jornalística, literária, escolar, publicitária e divulgação científica.

No cenário educacional contemporâneo, as reflexões sobre o ensino dos gêneros discursivos têm se tornado cada vez mais relevantes. A abordagem pedagógica, que antes se baseava em categorizações rígidas, passa por uma transformação significativa. Pesquisadores e educadores questionam a eficácia dessas classificações estáticas e buscam uma compreensão mais dinâmica dos gêneros textuais. A multimodalidade, impulsionada pelas novas tecnologias, também desafia as práticas tradicionais de ensino. Nesse contexto, a atualização constante das estratégias pedagógicas se torna essencial para preparar os alunos de forma adequada para a complexidade comunicativa do mundo contemporâneo.

Nesse contexto, ao considerarmos a relevância da dimensão social do texto, também reconhecemos a linguagem como um elemento crucial no ensino, estando intrinsecamente ligada às práticas cotidianas na sociedade. Dessa forma, compreendemos que o trabalho em sala de aula não deve se limitar apenas aos aspectos linguísticos do texto, mas deve abranger sua dimensão social de maneira integrada e significativa. Nesse viés, Bakhtin defende que:

A língua materna - sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam (Bakhtin, 2011, p. 282-283).

Nesse contexto, em sala de aula, não podemos apenas trabalhar em função de regras ortográficas e baseado em estruturas gramaticais da língua, todavia, acentuá-los de forma que devemos levar em consideração o conhecimento que o aluno já tem consigo e que ele o adquiriu em seu cotidiano, na prática social, priorizando a interligação entre os saberes escolares e os contextos sociais vivenciados pelos educandos.

Diante disso, é essencial que o professor entenda que a criação de um texto, especialmente um bem elaborado, vai além da simples decodificação de ideias. E em se tratando especificamente de uma notícia, em que o leitor precisa ler e compreender os fatos abordados, “A escrita, por sua natureza interativa, exige esses diferentes estágios, esse ir e vir de processos, cada um envolvendo análises e decisões variadas de alguém que é o sujeito, o autor de uma expressão e ação, para outro ou outros sujeitos, também ativos e colaborativos” (Antunes, 2003, p. 56). Portanto, a escrita deve levar em conta os aspectos linguísticos, mas também deve cumprir a função comunicativa para a qual o texto se destina, prestando atenção à coesão e à coerência necessárias para uma verdadeira situação de comunicação e interação entre pessoas, textos e contextos.

Assim, a escrita é um processo complexo e interativo que exige do autor uma compreensão profunda e uma habilidade para tecer ideias de forma coesa e coerente. É um ato de equilíbrio entre a expressão individual e a comunicação efetiva de um todo.

Uma proposta de aula com o gênero discursivo notícia e seu funcionamento dialógico

O gênero discursivo notícia é um gênero extraescolar, da esfera jornalística, que, ao ser submetido a um processo de proposta de aula, para se tornar objeto de ensino-aprendizagem, sai do seu contexto original de produção/circulação. No trabalho didático com gêneros, é importante ter a compreensão de que sua produção, numa instância de ensino-aprendizagem, não deve se limitar ao espaço escolar, mas romper esse espaço para fazer circular o que foi lido e produzido em outras práticas sociais, sem desconsiderar que a escola é um importante espaço de interações sociais. Dessa forma, o professor deve promover uma situação em que os estudantes poderão agir social e linguisticamente visto que “gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos” (Marcuschi, 2010, p. 26). Assim, um ensino da língua, com base em determinado gênero, no nosso caso, o gênero discursivo notícia, deve ultrapassar uma abordagem restrita às estruturas da língua para levar em conta a situação social em que o enunciado é produzido e seus objetivos discursivos específicos.

As notícias, apesar do que pretendem os veículos de comunicação, nem sempre são apenas informativas e objetivas, desprovidas de posicionamentos. Numa concepção dialógica de língua, enunciar não se restringe apenas a comunicar, descrever ou informar os fatos relevantes relatados, mas a posicionar-se através da linguagem. Logo, todo enunciado está direcionado a outro enunciado, pois não nos comunicamos em um vácuo comunicativo. Ressaltamos, em consonância com Schnewly e Dolz (2004), que o professor, durante o processo de elaboração de proposta para uma aula de um determinado gênero discursivo, deve elaborar ou recorrer a um modelo didático do gênero que deseja ensinar, com destaque não só apenas para os aspectos formais do

gênero, mas também para seu propósito comunicativo, evitando a simplificação do objeto de ensino e a separação da língua dos contextos de uso, ao destacar-se as *potencialidades ensináveis* do gênero alvo do ensino.

Cada esfera elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, o que Bakhtin (2011), como vimos, vai denominar gêneros do discurso. Assim, sendo, como qualquer gênero discursivo, uma atividade discursiva socialmente estabilizada pode ser reconhecida por alguns critérios: propósito comunicativo, conteúdo, meio de transmissão, papéis os interlocutores e contexto situacional. Cunha (2002) afirma que o dizer sobre o dizer se concretiza em inúmeros gêneros discursivos, sendo a notícia um deles. A notícia, devido ao seu jogo discursivo, não pode ser configurada e definida como um simples relato, tendo em vista que muitas vezes assinala a posição discursiva de quem a produz. Na didatização desse gênero, é preciso, antes de tudo, considerá-lo como um produto discursivo de uma atividade humana inserida em práticas sociais.

A seguir, apresentamos o esboço da nossa proposta didática que sugerimos para o trabalho com o gênero discursivo notícia.

1ª etapa

Contextualização. Primeiras indagações orais e escritas. Momento de reflexão com a turma. Nessa primeira etapa, foi destinado aos estudantes o contato inicial com o gênero discursivo notícia.

Segundo Alves Filho (2011, p. 98),

(...) a estrutura das notícias contém as seguintes categorias: manchete, lead, episódios (eventos e consequências/reações) e comentários. A manchete e o lead têm como função resumir o evento para captar a atenção dos leitores para os fatos relevantes que possam lhes dizer interesse. O episódio objetiva relatar em mais detalhes o fato noticioso, indicando os eventos que ocorreram e quais consequências ou reações eles

provocaram; os comentários objetivam 31 divulgar como atores sociais envolvidos direta ou indiretamente no fato – mas não o redator – avaliam o que ocorreu.

Depois de apresentar as características, alguns questionamentos deverão ser realizados sobre os conhecimentos prévios dos estudantes acerca do gênero discursivo que será abordado, em seguida, por meio do projetor multimídia, projetar a notícia intitulada *Ele disse que gay não poderia habitar ali, diz médico barreado em flat* e, após leitura partilhada, proceder a indagações pertinentes às informações contidas na notícia. Após esse momento, apresentar aos estudantes uma outra notícia, intitulada *Lauda confirma lesões no rosto de Pedro, atacante do Flamengo*. Após a leitura coletiva do texto, solicitar que, em grupo, respondam, dessa vez, no caderno, aos mesmos questionamentos anteriormente realizados. Encerrado esse momento, as respostas de cada grupo são socializadas para a turma.

2ª etapa

Após a primeira etapa, apresentar uma situação real de produção. Para a situação inicial propor ao grupo que produzam, com base na escolha de assunto/ fato pertinente ao bairro, à comunidade ou ao município, uma notícia para ser publicada em um mural da própria escola. Nesse viés, foi feito o refinamento e apresentação das notícias com a revisão das características que elas têm, em seguida os alunos já escreveram suas próprias notícias, e foi pedido para que que revisassem o trabalho que fizeram na última aula. O próximo passo foi verificar se conseguiram fazer corretamente a estrutura e as características do gênero notícia. Posteriormente, houve a melhoria das notícias: com base no feedback recebido na aula anterior e na revisão feita, os alunos aprimoraram suas notícias, tornando-as mais precisas, interessantes e de acordo com as características do gênero. Depois aconteceu a preparação para a apresentação em que cada grupo

se preparou para apresentar sua notícia à turma. Nessa etapa eles tiveram livre-arbítrio para escolher a melhor forma de apresentação que incluía criar slides, cartazes ou qualquer outro recurso visual que ajudasse a comunicar sua notícia de forma eficaz. Por fim, aconteceu a apresentação das Notícias, cada grupo apresentou sua notícia à turma.

Os estudos apontaram que uma proposta de aula bem elaborada e ancorada em pressupostos teóricos pode colaborar com o ensino-aprendizagem no que tange ao gênero discursivo notícia numa perspectiva dialógica da linguagem.

Considerações finais

Este breve estudo que realizamos no percurso deste artigo serviu para provocar uma reflexão sobre as capacidades de leitura acionadas a partir da proposta de uma atividade com o gênero discursivo notícia na sala de aula. Fizemos uma análise sobre a leitura como um processo de interação e diálogo entre leitor e autor, através dos sentidos atribuídos ao texto por seu autor e aqueles dados pelo seu leitor; as duas instâncias integram um circuito dialógico em que o leitor assume uma atitude responsiva ativa, fazendo com que os estudantes ultrapassem a mera decodificação, uma vez que são requisitados a produzir notícias com base nos textos lidos e nos vídeos assistidos. Concordamos com Leite e Barbosa (2014) quando afirmam que escrever na escola deve ser visto “como uma ação interlocutiva para aprender, refletir, sentir e viver, no direito de dizer sua palavra, numa consciência dialogada com o mundo da vida” concordamos com Leite e Barbosa, (2014, p. 83). Para além disso, a produção de notícias, a partir de todo o subsídio ao qual os estudantes tiveram acesso para aperfeiçoar o conhecimento do gênero em foco, é o produto resultante do processo como atitude responsiva ativa na prática. Nessa perspectiva, é possível afirmar que esta pesquisa cumpriu com o seu propósito que era analisar pesquisas e propor uma

atividade que ofertasse aos estudantes possibilidades de desenvolver ainda mais seus conhecimentos textuais referentes à intencionalidade das notícias, e não meramente sob a ótica dos aspectos gramaticais.

REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, Francisco. *Gêneros jornalísticos* notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro e interação. 6. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de M. E. Galvão Gomes Pereira. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. **Gênero**: história, teoria, pesquisa, ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Brasília, DF: MEC/SEMTEC. 1999.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-relação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- LEITE, Lucila Carvalho; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. **Cartografia da produção textual**: livros didáticos, gêneros do discurso, políticas e indicadores. Natal: EDUFERN, 2014.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidades. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010, p. 65-84.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair;

MOTTA-ROTH, Désirée (org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 184-207.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercados de Letras, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ. Gêneros escolares das práticas de linguagem aos objetos de ensino. **Revista Brasileira de Educação** Mai/jun/jul/ago, n. 11, 1999. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/237513754_Os_generos_escolares_Das_praticas_de_linguagem_aos_objetos_de_ensino. Acesso em: 13 fev. 2024.

SILVA, Adriana Pucci Penteadó de Faria e. Bakhtin. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (org.). **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 45-69.

SOBRAL, Adail. Estética da criação verbal. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 167-187.

A DIALOGICAL PERSPECTIVE FOR A CLASS PROPOSAL WITH THE DISCURSIVE GENRE OF NEWS

ABSTRACT: This paper focuses on analyzing the didactic process of the discursive genre of news from a dialogical perspective of language. We aim to discuss what a class proposal involving the discursive genre of news, a dialogical perspective of language, would look like in elementary school (final years) to address our problem in the present study. We rely on a theoretical framework that encompasses assumptions of the Dialogical Theory of Language (Bakhtin, 1992, 2011), interfacing with the didactic aspect (Schneuwly; Dolz, 1999, 2004) of Sociodiscursive Interactionism. The news genre emerges as an opportunity to promote dialogue among students, enabling them to understand not only the structure and elements of this genre but also its social and communicative function. The classroom becomes a conducive space for reflection on the discursive construction of news, as well as for the development of critical reading skills and textual production. As a result of this thorough analysis of the pedagogical proposal within the educational scope, we know that it could trigger significant outcomes and lead to a positive reflection, likely contributing to an improved quality of teaching.

Keywords: Discursive genre. News. Didacticization. Proposal.